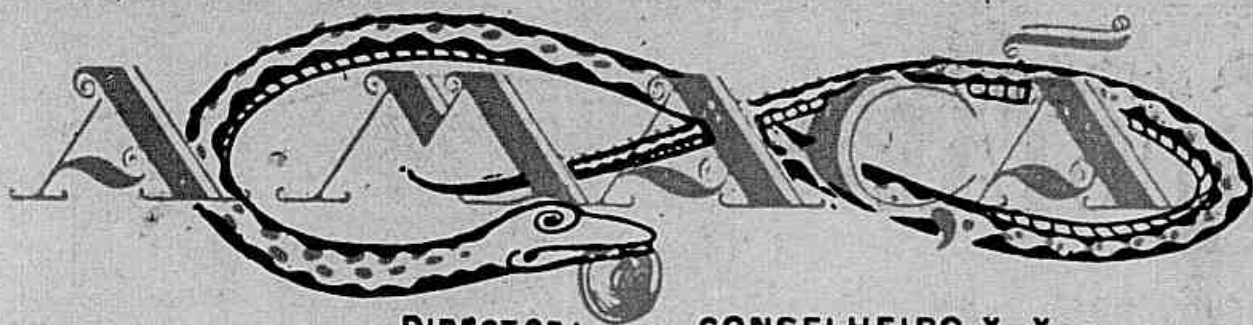




DIRECTOR:

CONSELHEIRO X. X

PREDESTINAÇÃO



— Ainda uma vez tenho que ir comer a escondido !...

"FLUXO-SEDATINA"

O grande remedio
das senhoras

é a Fluxo-Sedatina

Porque cura Colicas Uterinas em 2 horas. Suspensões, Hemorrhagias excessivas, Inflamações dos Ovarios e todas as doenças do Utero combate-se com a FLUXO-SEDATINA.

Na idade critica das mocinhas, regula os periodos mensaes, e nas senhoras evita os Tumores Uterinos.

Nos Partos, diminue as Dores e as Colicas e evita as Hemorrhagias Antes e Post Partum.

Os directores de hospitaes, sanatorios e parteiras que queiram fazer experiencias dirijam-se ao deposito

Em todas as Pharmacias e Drogarias



van



Toilettes de Inverno

*Antes de comprar sua
toilette de inverno, quei-
ra visitar o bellissimo
sortimento do*

AO 1º BARATEIRO

Avenida Rio Branco, 100



FRUCTAL

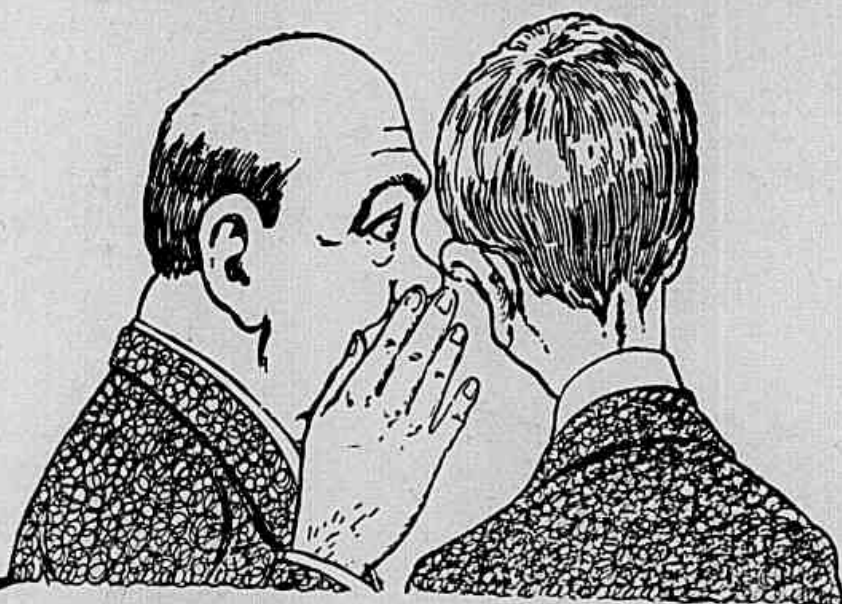
Pó effervescente á base de
saes de fructas

Combate as perturbações
gastro-intestinaes e regu-
larisa as funcções do appare-
lho degestivo.

As indesposições, tonteiras,
enxaquecas, dor e peso no
Estomago, asias, colicas e
demais symptomas d'aquellas
perturbações cessam com uma
só unica dose de Fructal.

Quem tomar Fructal não sof-
rerá do Estomago, Intestinos,
Figado e Rins.

E' muito agradavel de tomar.
Encontra-se em toda as phar-
macias.



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

anti-blenorrhagica
de ABREU SOBRINHO

RUA DA LAPA, 6 - RIO

PARA O INVERNO



A CASA ESTRELLA chama a atenção de sua clientela para a grande variedade de artigos de inverno, que acaba de receber pelo vapor "Arlanza", importados directamente do afamado fabricante inglês "MORLEYS". Este grande sortimento é composto de: camisas de lã, ceroulas de lã, meias de lã finisimas, jackets de tricot de lã, cachenez, de lã, camisas de sport de lã, cachecol de seda, etc., etc.

O UVIDOR, 134

Só na

CASA TEDESCO

Pelles legítimas

Boás de Plumas, Pellerines, Casacos de malha de lã e de Jersey de seda.

Novidades em tecidos de lã, lisos, e fantasia. Éponge novidade. Velludos, flanellas, etc.

Além de marcados abaixo dos preços, terão o abatimento de 15 %, como bonificação.

Não deixem de visitar

A CASA TEDESCO

9 — Rua Gonçalves Dias, — 9

OLHOS

Inflamações e purgações

USE O

"COLLYRIO MOURA BRAZIL"

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização
do Governo Federal,
as 2 1/2 e aos sabbados ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 26 de Maio, Ás 3 horas da tarde

100:000\$000

POR 8\$000 EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde
da Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

A assistencia aos tuberculosos

A Liga Brasileira contra a Tuberculose previne ao publico que o seu serviço especial de Assistencia Domiciliaria, instituido desde 1913 para visitar e tratar tuberculosos indigentes, continúa a funcionar regularmente em todas as freguezias urbanas do Districto Federal, tendo a sua séde á rua Senador Euzebio n. 238.

O enfermo que não póde frequentar os dispensarios da Liga é assistido em seu proprio domicilio recebendo gratuitamente, além dos soccorros medicos, ministrados por especialistas, os remedios necessarios e bem assim o leite de superior qualidade.

Um simples aviso dado pelo telephone (Norte 3930) nas horas do expediente (11 horas da manhã ás 2 da tarde), basta para a immediata satisfação do pedido de assistencia.

PYRAMIDON

**DE MEISTER LUCIUS & BRUENING,
HOECHST A/MAIN,
ALLEMANHA**

Só a marca assegura a pureza do product. O uso mais pratico e commodo é em comprimidos de 0,1 a 0,3 grammas. Para todos os casos de Hemicrania, Cephalagias, Nevralgias, Febre, etc. Cada pessoa deve ter um tubo de comprimidos Pyramidon em casa.

Represens.: JOHN JUERGENS & C.

RUA DA ALFANDEGA, 120
RIO DE JANEIRO

RUA FLÓRENCIO DE ABREU, 108
S. PAULO

A' venda nas Drogarias e boas Pharmacias
TUBO: 2\$500

DIVORCIO INTERESSANTE

Rival da filha

Mulher do genro

A imprensa franceza commentava ultimamente, com humorismo, o estranho caso de um marido que, allegando incompatibilidade de genio, requerera divorcio, para contrahir segundas nupcias.... — imaginem os leitores, com quem?! — com a propria sogra!!

Obtida a sentença favoravel, e realizado o novo matrimonio, o singular marido-genro escreveu cartas aos principaes jornaes parisienses, explicando o acto que tão estranho, senão ridiculo, lhes parecia.

E' que sua sogra era muito mais bella e até parecia mais moça que a filha, sua primeira mulher. E o marido da sogra juntava ás cartas, photographicas, para provar o que affirmava.

Era realmente assim: a mãe era que parecia a filha e era incontestavelmente mais bonita, e attrahente, portadora de uma bellissima cabelleira e de uma pelle lisa, limpa e tão assetinada, que a todos inspirava sympathia e admiração.

Os jornaes francezes attribuiram então a formosura e juventude da esposa-sogra ao uso que ella fazia do «Sabão Aristolino» que mandava buscar no Brasil, e que a filha não usava nunca, por não conhecê-lo.

EXPEDIENTE:**“A MAÇA”**

Semanaario illustrado. — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000
Registrado (Anno)..... 50\$000
Numero avulso 8\$000

Capital:

Numero avulso 3500
atrazado 8000

Exterior:**Porte simples**

Anno..... 50\$000
Semestre..... 30\$000

Registrado

Anno..... 60\$000
Semestre..... 35\$000

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Annuncios:

1 pagina.....	200\$000	1/8 pagina.....	35\$000
1/2 ".....	110\$000	Capa a duas côres.....	450\$000
1/4 ".....	60\$000	" " " ".....	600\$000

Publicações no texto 5\$000 a linha, em corpo 7

Agente geral: RAUL DE ALMEIDA

UMA NOVIDADE QUE A TODOS INTERESSA

A "CASA RAUNIER" no intuito de bem servir os seus bons amigos e clientes, resolveu dar-lhes uma serie de vantagens diariamente e repetidas vezes.

Assim é que toda a vez que um cliente fizer uma compra e dirigir-se á caixa, afim de effectuar o pagamento correspondente, ao mesmo tempo que com a batida da caixa, fôr ouvido o toque de uma campainha existente ao lado saberá que será gratuita a compra que fez, seja de que fôr ella.

E' um processo novo entre nós, de que usa para bonificar os seus clientes e não é portan'o coisa que se deixe escapar.

E' certo, assim, de que a CASA RAUNIER não faltará um sem numero de clientes, que irão disputar os seus artigos de 1.^a qualidade, nada pagando por elles toda a vez que a sorte lhes for favoravel.

A Sociedade elegante deve visitar a **Aguia de Ouro**, com seus lindos mostruarios, para ver como póde, sem pagar exagerado, vestir-se com os mesmos finos tecidos e a mesma distincção das casas de luxo.

OUVIDOR, 169

Norte 1792

ALFAIATARIA LUSITANA

O Proprietario desta acreditada casa, situada á rua Uruguayana, 107, communica aos seus amigos e freguezes que acaba de receber, vindos directamente da Inglaterra, lindos padrões de casemira que já se acham expostos em suas vitrines.

Artigos de primeira qualidade, para rapazes, a preços reduzidos, só na

CASA YORK

Camisaria

22|26 Assembléa

Esquina da Rua do Carmo

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso ter usado o

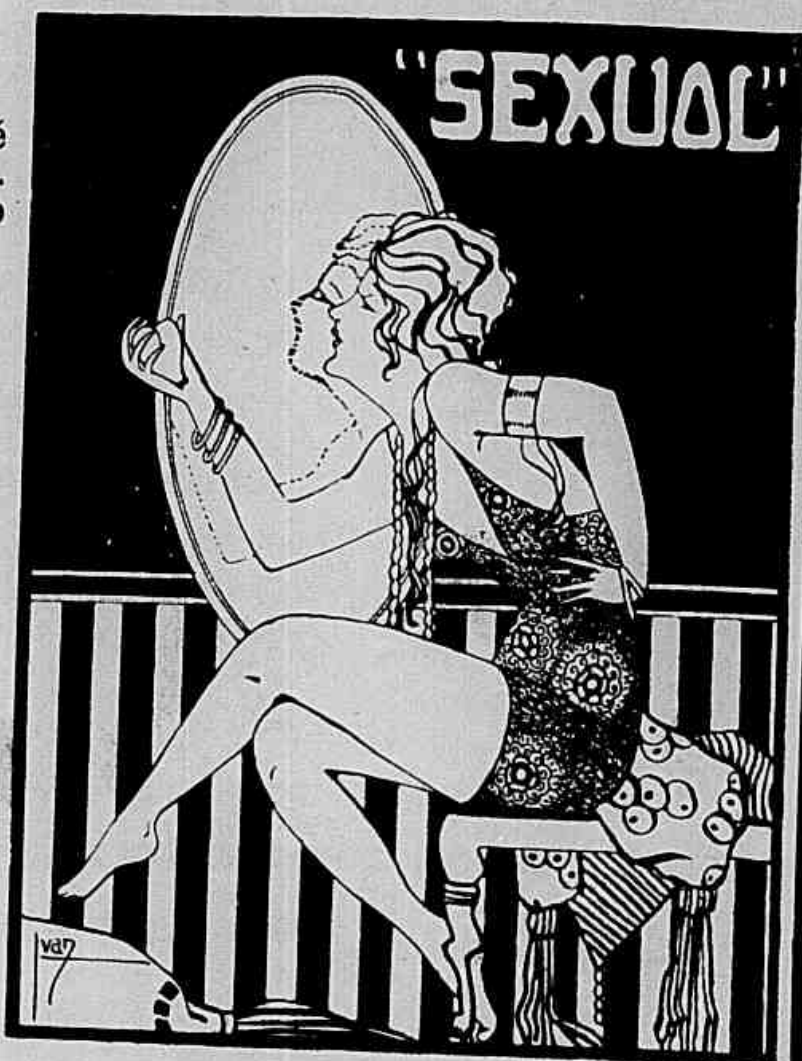
“SEXUOL”

Remedio providencial, de efeitos assombrosos incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard

Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS: **RIO DE JANEIRO — Hargreaves & Cia.**
Quitanda, 17
S. PAULO — Messias, Andreucci & Cia.
DROGARIA INTERNACIONAL - R. Quintino Bocayuva, 18



Dr. Luiz Sampaio

OPERADOR E PARTEIRO

Especialista em molestias de senhoras e creanças, em syphilis e vias urinarias.

Applica injeções de 914 por processo rapido e sem dor.

CONSULTORIO — Ourives 30, das 4 ás 6 horas

Telephone Norte 1422

RESIDENCIA — PRESIDENTE DOMICIANO 194

Nictheroy

Telephone 2066

NUMEROS ATRAZADOS

d'A MAÇA, nas livrarias
Leite Ribeiro e Braz Lauria, á rua
Gonçalves Dias, 78 - RIO.

Agencia de “Publicações Mundiaes” de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Gosos e prejuisos no amor	1\$500
Perseverança no amor - por Eduardo Green....	...
Enciclopedia do amor - collecção de phrases, pensamentos e anedoctas.....	3\$500
O estupro das virgens e os castigos de venus - Descripção geral dos phenomenos intimos da mulher	1\$500
Hygiene do amor - pelo Dr. Paulo Durand.....	2\$000
Physiologia do amor - Merlin - O amor livre e o amor conjugal entre diferentes povos - edicção illustrada.....	2\$500
A vespera do noivado - conselhos aos noivos e aos recém-casados.....	1\$500
Mysterios do leito conjugal - descripção circumstanciada dos grandes segredos, excessos conjugaes, etc.	1\$500
Collecção illustrada de Paulo de Koek a 1\$500	
As ligas da noiva	A filha da porteira
Amor e ciumes	Educação de Flora
A rival de sua filha	A bella costureira
A filha perdida	As criadas de Paris
A filha do peccado - novella realista de Invernizio..	1\$500
Anedoctas de Bocagio.....	1\$500
A beira do leito.....	1\$500
A filha do Judeu.....	1\$500
Desgostos da vida dos casados.....	1\$000
As treze noites de Joanna.....	2\$000
Memorias de uma criada de servir - romance de aventuras galantes.....	2\$000

Collecção Garota a 200 réis

Um passeio ao campo || Uma aventura de amor
A ceia de Cleopatra || O banho de Adelina

Arte de se fazer amar por Mme. X X \$500

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES — REVISTAS,
JORNAES E ALBUNS PARA BORDADOS, LIVROS,
FIGURINOS, FOLHETINS POLICIAES, ETC.

Pelo correio mais 500 rs. sobre os preços marcados.

INVERNO

Os ultimos modelos
em
vestidos
TOILETTE--PASSEIO
BAILE

Vestidos ligeiros para rua

As melhores creações em

COSTUMES - TAILLEUR

MANTEAUX

Sahida de baile

Legitimas

PELLES e RENARDS

encontra

V. Ex. em escolhido
sortimento

na

ROYAL-STORE

187, RUA DO OUVIDOR, 189

PHONE N. 6717





Director: CONSELHEIRO X. X.

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

QUEM SAE AOS SEUS...



Gabriel Antunes Damasio havia attingido o patamar da velhice, depois de haver subido, um a um, na escada da vida, o degrau dos prazeres. Estudante bohemio, advogado de talento, e, depois, notavel jurisconsulto, chegára aos postos que ambicionara sem se aperceber, jamais, dos commentarios da galeria.

— E' um bello espirito, o Gabriel Damasio; mas, tambem, que caracter! — diziam uns.

E outros:

— Aquelle talento, naquella vida, é uma perola numa escarradeira!

A vida intima do brilhante professor de Direito era, realmente, a negação da sua intelligencia. Casado com uma senhora lindissima, começára, dois mezes após o casamento, a fugir aos deveres matrimoniaes, passando as noites fóra de casa, nos clubs de jogo e nas casas de má fama. Ingenua e bôa, Dona Marina perdoava-lhe tudo, supportando aquel-

le despreso com chorosa resignação. E, era, já, mãe do primeiro filho, o Adhemar, quando, reflectindo sobre o abandono em que a deixava o marido, e sobre a ternura de que a cercava o desembargador Fortunato Borges, amigo intimo do casal, tombou, vencida, nos braços d'este, cahindo, enlameada, do seu pedestal.

Durante dois annos, contentou-se a moça com as relações criminosas d'esse velho amigo da casa, cuja idade reclamava da sua parte as caricias mais repugnantes. E foi no exercicio d'estas, aperfeiçoando-se dia a dia nos prazeres requin-

tados, que se considerou, em breve, mestra do officio, capaz de hobrear, nellas, com as suas amigas menos escrupulosas.

A vida galante é, na mulher, como a cocaína, como o alcool, como a morphina. A primeira dóse pede a segunda. A infidelidade matrimonial é uma esada de que não se deve experimentar o primeiro de-gráo. Experimentado este, põe-se o

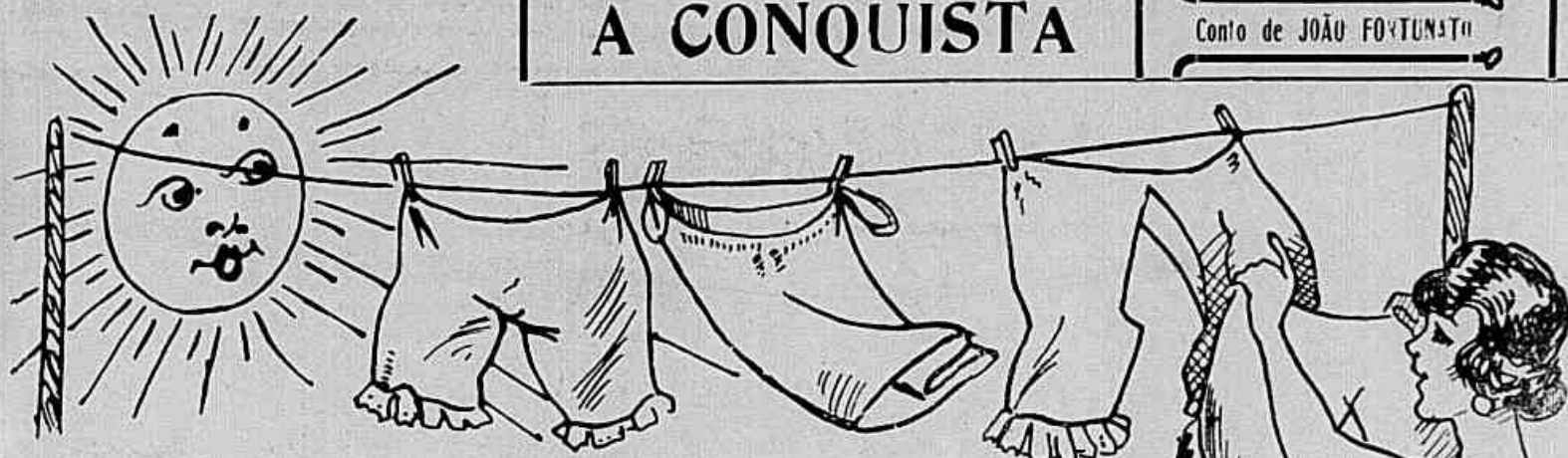
OS PÉS PELAS MÃOS



O pé... E dizer que eu vinha pedir-lhe a mão!...

A CONQUISTA

Conto de JOÃO FORTUNATO



Chapéu de palha no cocoruto, bengala debaixo do braço. Anthenor de Barros descia a alameda central da Quinta da Boa-Vista, rumo da avenida Pedro Ivo, pensando monotonamente na vida. Empregado do Museu Nacional, passava alli o dia, das onze da manhã, às quatro da tarde, catalogando animaes empalhados e detricitos de mineraes, que outros funcionarios, punham, aqui e alli, nos mostruarios. E era d'esse trabalho que acabava de sahir, naquella quinta-feira tão linda, com as arvores inundadas de luz e as montanhas, ao longe, suavemente douradas de sol.

Aceso o cigarro, e lançado longe o phosphoro inutilizado, caminhava o rapaz no rumo do seu bonde, olhando, de passagem, a belleza do parque. De um lado, eram os tufos de arvores, os pequenos bosques encantadores, feitos, parece, para refugio dos namorados. Do outro, a grande bacia do lago, de margens verdes e largas, á superficie da qual vogavam, como se a agua os levasse, casaes de cisnes preguiçosos. De longe em longe, uma das aves movia a interrogação do pescoço longô e branco, mergulhando a cabeça no espelho sci-tillante. Um leve arrepio perturbava o cristal do tanque, o qual se enrugava por um momento, para voltar, de novo, á tranquillidade primitiva.

— E' curioso como estas aves se que-rem! — observou, de si, consigo, o rapaz.

E com tristeza:

— E eu, só eu, depois que a Cecy me enganou, nunca mais tive uma namorada!..

Caminhava o Anthenor pensando nessas cousas, quando, antes de chegar ao portão de sahida, viu, a sombrinha aberta, mordendo graciosamente uma folhinha de avenca, um delizado vulto de mulher. Nova e linda, parecia olhal-o com interesse, um breve sorriso ao canto da bocca pequena. E foi esse sorriso que o animou a tocar no chapéu, num cumprimento cavalheiroso. A moça respondeu, accentuando o sorriso. E em menos de dez minutos, passejavam os dois pelas alamedas da quinta, a mão na mão, como se fossem dois velhos conhecidos.

Em certo momento, o rapaz não ponde mais.

— Um beijo da sua bocca valeria um mundo! — explodiu.

— E quem me daria o mundo por um beijo? — riu o diabrete.

Anthenor de Barros quiz dar a resposta com um gesto atrevido, mas a rapariga protestou:

— Oh, não! Aqui não!

— Onde, então?

— Alli, naquelle bosquesinho, perto da gruta. E' mais discreto...

O beijo que sellou essa aventura foi daquelles infindaveis. Bocca na bocca, labio pregado ao labio, levaram dois, tres, cinco minutos. E estavam nesse instante de encanto e de delicia, quando a rapariga lhe deu um empurrão, partindo de carreira, deixando-o atordado á procura do chapéu.

Refeito da surpresa, o moço funcionario sahia a procurar, por toda a parte, a creatura maravilhosa que tão impiedosamente o atordoara. Foi, porém, debalde. E tanto andou, que foi sahir no largo da Cancellia, no outro portão do lagradouro, onde tomou um bonde que passava na occasião.

Ao chegar o vehiculo em frente ao portão da Pedro Ivo, Anthenor tomou um susto, que quasi o atira por terra: aguardavam ahi o bonde a linda creatura que lhe dera aquelle instante de gôso, e um cavalheiro magro, que trazia á mão uma tripeça e uma grande machina photographica. Embarcaram no banco fronteiro, sem se aperceberem da sua presença. E foi vermelho de vergonha, sem saber se devia pular do bonde ou esbofetea, alli mesmo, os dois miseraveis, que o rapaz ouviu o seguinte dialogo, iniciado pela rapariga:

— Sahiu boa a chapa?

— Deve ter sahido. O sujeitinho «posou» exactamente como eu queria.

E, logo, em seguida:

— Esse de hoje, foi muito melhor do que aquelle de hontem...

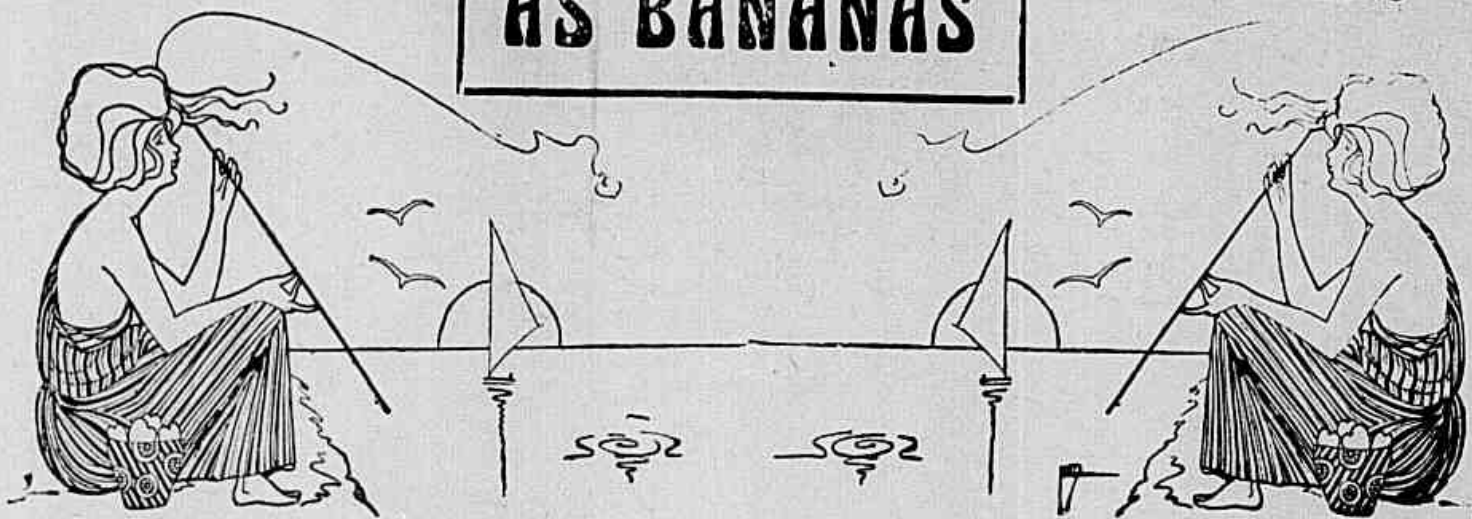


João Fortunato

CONTO DE

AS BANANAS

SOUZA KALDAS



O Joaquim, ou antes, o Quinzinho, teria cinco annos, e já havia apanhado meia dúzia de indigestões com a sua gulodice pelas bananas. Por mais que Dona Eugénia as escondesse no petisqueiro ou no alto dos armarios, elle sempre havia de arranjar um meio, um processo de apossar-se de duas ou tres, e correr para traz da casa ou da dispensa, onde as devorava em segredo. E quando se dava pelo caso, era pelos vomitos que o atacavam, e que o punham inesperadamente de cama.

Convencida de que era inutil esconder a fruteira, resolveu a boa senhora mudar de tactica. E em vez da surra correccional, passou ás recommendações preventivas, convencendo-o de que, quem come banana escondido, fica com a barriga inchada e tem, depois, de tomar purgantes intoleraveis.

— Por isso, meu filho — concluia, — você não deve, nunca mais, comer banana sem o conhecimento de sua mãe!

Essas palavras calaram, ao que parece, no espirito do menino. Ou porque escondessem melhor a fruteira, ou porque elle tivesse horror aos purgativos, o

certo é que, nunca mais lhe voltaram as indigestões, os vomitos, as molestias habituaes.

Forte, valio, traquinas, enveredava o Quinzinho pela vida, quando Dona Eugénia deu a entender á familia que esta ia ser accrescida de um pimpolho. Vomitos, dores de cabeça, vestidos folgados prenunciavam o auspicioso acontecimento. E foi intrigado com todos esses symptomas, que o garoto chamou á parte o seu pae.

— Papae, venha cá.

Attendido, os olhos muito vivos tentou:

— Sabe de uma cousa, papae?

E como quem faz uma descoberta sensacional e, ao mesmo tempo, criminosa:

— Papae não acha que a mamãe está comendo banana escondido?

De Souza Kaldas.



Roupas Brancas
para Senhora no
Parc Royal

pé no outro. E de degráo em degráo, vem-se até o chão, onde se amontôa a lama do mundo. Está para surgir, ainda, a primeira mulher que se tenha contentado, na vida, com a taça do primeiro peccado.

Dona Marina foi o que tem sido tantas outras, na sua situação. Afastado o commendador, teve, a seu lado, o capitalista Fernando Garcia, e, seis mezes depois, o deputado Barbosa Braga. Outros vieram, e passaram. E dentro de dez annos, era uma das senhoras mais mundanas, e de reputação mais duvidosa, de toda a cidade. As secções elegantes dos jornaes não esqueciam o seu nome, as suas «toilettes», e, quando, passava pela Avenida, era arrastando os olhares dos homens, que esperavam, todos, a sua hora, como quem aguarda, á porta de uma casa de esmolos, o seu caldo e o seu pão.

Creada nesse ambiente de dor, de cynismo e de vicio, o Adhemar havia de se resentir, necessariamente, dos defeitos que testemunhava. Metido num collegio interno, sahio de lá expulso, por uma indignidade que lhe mancharia o resto da vida. E foi com essa fama que se atirou ao mundo, o paletot na cintura, os olhos requebrados, a bocca franzida em cravo, o rosto ama-

ciado pelo pó de arroz, a andar acima e abaixo, na cidade, ao lado de cavalheiros mais ou menos suspeitos.

Penalisado com aquelle destino, resolveu o senador Ananias, antigo professor da Facu'dade, procurar Gabriel Damasio, chamando a sua attenção para a vergonhosa situação do rapaz. O cathedratico tomava o seu chopp na Brahma, quando Ananias se lhe sentou ao lado, a physionomia severa. E foi, logo observando com a autoridade dos seus annos, do seu posto, da sua condição:

— Sabes, Gabriel? E' preciso que tomes cuidado com o teu filho. A vida do teu menino é irregularissima.

— Já sei, já sei, — atalhou o professor; — o rapaz é dado a mulheres; não? Si assim é, não ha que admirar: puxou ao pae!

— Dado a mulheres, não, — corrigiu o senador. E um pouco vermelho:

— Muito pelo contrario; sabes? Pelo contrario!

— Pelo contrario? — fez Gabriel, como quem comprehende uma redundancia. — Nesse caso, tambem não faz mal.

E erguendo o copo, á altura da bocca:

— Puxou a mãe...

X. X.

FIGURAS PROMISSORIAS

SILVA RAMOS

A geração que alisava, no primeiro lustro depois de 1870, os bancos da Universidade de Coimbra, era a mais brilhante que Portugal tem fecundado naquella ninho de agiriões. Allí estudavam, então, João Penha, Junqueiro, Eça, Anthero do Quental, Candido de Figueiredo, Teixeira de Queiroz, Macedo

Papança e Vasco de Mello, que havia de ser, depois, o Conde de Sabugosa, falecido esta semana. O Brasil mesmo, tão distante, possuía allí tres representantes condignos: Gonçalves Crespo, que ainda não havia dado o seu coração a Maria Amália; Garcia Redondo, que fazia o seu curso de engenharia; e José Julio da Silva Ramos, filho de um commerciante de Pernambuco, que ainda não confiava nas sciencias juridicas ministradas no Recife.

Mandado para a outra banda do Atlantico afim de escapar á epidemia literaria que começava a lavrar em Pernambuco, José Julio tombara, para felicidade sua, no focco, mesmo, da molestia. Amigo intimo de João Penha, viu-se, em breve, arrastado pela torrente, e atirado, com outros, á vida de letras. E foi com um bello nome de cultor da lingua e do verso que se passou para Lisboa, onde os seus companheiros de Coimbra tomavam, de assalto, os ultimos baluartes da Gloria.

José Julio não era, porém, um espirito combativo, nem, mesmo, um ambicioso de renome. Adorava os livros, o estudo, as boas letras, não como o amphytrião que abre as salas para que se o veja comer: preferia, a essa vaidade, a de saborear sosinho o seu prato, certo de que a leitura, a cultura, é um prazer que nós nos damos a nós mesmos e não um meio de impressionar os outros.

Essas idéas, e a alegria de admirar os triumphos dos companheiros, deixaram-no, naturalmente, atraz, na caravana de que fazia parte. Enquanto os camellos alheios marchavam, vencendo o areal, o seu contentava-se com olhar, parado, as pegadas que elles deixavam no Deserto. Além disso, uma timidez de maneiras, uma delicadeza de sentimentos, tolhiam-lhe o surto do espirito. E foi essa timidez, ou antes, esse receio de melindrar, ou de ser melindrado pelos outros, que se accentuou após dois incidentes literarios, que elle proprio relata.

Certa noite, entrava Silva Ramos na Cervejaria Leão, em Lisboa, quando viu, abancados, os poetas Cesario Verde e Fernando Leal, que, de prompto, o convidaram para a sua mesa. Tomado um logar entre elles, desenrolou Fernando Leal um papel, no qual leu, com emphase, uma ode ao sol. Terminada a leitura, pediu:

— Agora, dá-me a tua opinião. Mas opinião sincera; ouviste?

Silva Ramos passou as mãos uma, duas, vinte vezes, uma pela outra, como quem as lava numa bacia.

— Com franqueza, — disse, afinal; — é uma bella poesia. Apenas algum grammatico em demasia escrupuloso poderá fazer reparo em que, tratando o autor por «tu» ao sol, logo adiante passe a tratá-lo por «você», obrigando os verbos a uma evolução da segunda para a terceira pessoa.

— Palavras não eram ditas — conta hoje Silva Ramos, — eil-o que cresce para mim numa invectiva de tal forma insultuosa, acompanhada de gestos, por tanta maneira descisivos de me atirar com qualquer cousa, que, se Cesario não se mette de permeio, com certeza teríamos offerecido á galeria o espectáculo gratuito de um esmurramento sensacional.

Com Cesario Verde havia de acontecer, porém, cousa parecida.

— Certa manhã, — narra Silva Ramos, — subimos nós o Chiado, de braço dado, e ia-me Cesario repetindo uma bellissima poesia, em que comparava a fructos as diversas partes do corpo humano, quando, encantado com que ouvia, eu me puz a rir. O poeta parou, formalizado, e rugiu-me, feroz: — «E' preciso que você saiba que nunca me passou pela idéa que os meus versos fariam rir quem quer que fosse. Se o tivesse adivinhado, teria poupado a mim mesmo essa desillusão e a você o esforço de escancorar as mandibulas». E nunca mais me mostrou versos.

Desiludido da polidez dos amigos, embarcou Silva Ramos, com o seu canudo de bacharel, para o Rio de Janeiro, onde fez amizade com Valentim Magalhães, que redigia, então, «A Semana». Sabendo-o um escriptor de boa lingua, Valentim pedia-lhe que escrevesse qualquer cousa: critica, versos, novella, romance, o que elle quizesse. Silva Ramos vinha, porém, tão escarmentado com os poetas de Portugal, que se recolhia, apavorado, com essa idéa, como se se tratasse da mais aventureira temeridade.

Um dia, em fins de 1893, estava Silva Ramos na Prefeitura, onde exercia as funções de inspector escolar, quando recebeu uma carta: era de Valentim, que, dizendo-se doente, em Therezopolis, lhe pedia, como ao seu maior amigo, que fizesse, n'«A Semana», as chronicas de José do Egypto. O moço de Coimbra passou as mãos uma pela outra durante meia hora, e foi para a casa. E desse sabbado em diante, começaram a apparecer no famoso semanario literario as chronicas de Julio Valmor, versando assumptos tão portuguezes, e em linguagem tão castiça, que toda a gente viu, logo, atraz d'aquelle pseudonimo, o antigo companheiro de João Penha.

A literatura havia de ser, porém, mais uma vez, fatal a Silva Ramos. As suas chronicas eram singellas, simples, inoffensivas. Uma tarde, entretanto, foi chamado ao gabinete do Prefeito.

— O senhor é o autor de umas chronicas que apparecem na «Semana», assignados por Julio Valmor?

O inspector lavou as mãos em secco vinte vezes.

— Sim, senhor, — confirmou.

— Pois, então, está demittido da inspectoría.

A datar desse dia, resolveu Silva Ramos escrever o menos possivel. Ideada a Academia de Letras por Lucio de Mendonça, Valentim fez questão de incluir o seu nome na lista dos fundadores. Instado, annuiu.

— Mas, não desagrado a ninguem, filho? — indagou, ainda.

Professor de portuguez em varios collegios, aventurava de tres em tres annos, um soneto camoneano, para assentar a mão. E ganhava assim a sua vida, casado, e já com dois filhos, quando entrou, em 1903, para o corpo docente do Pedro II, onde é, ainda hoje, dos mestres mais capazes, mais polidos, mais estimados.

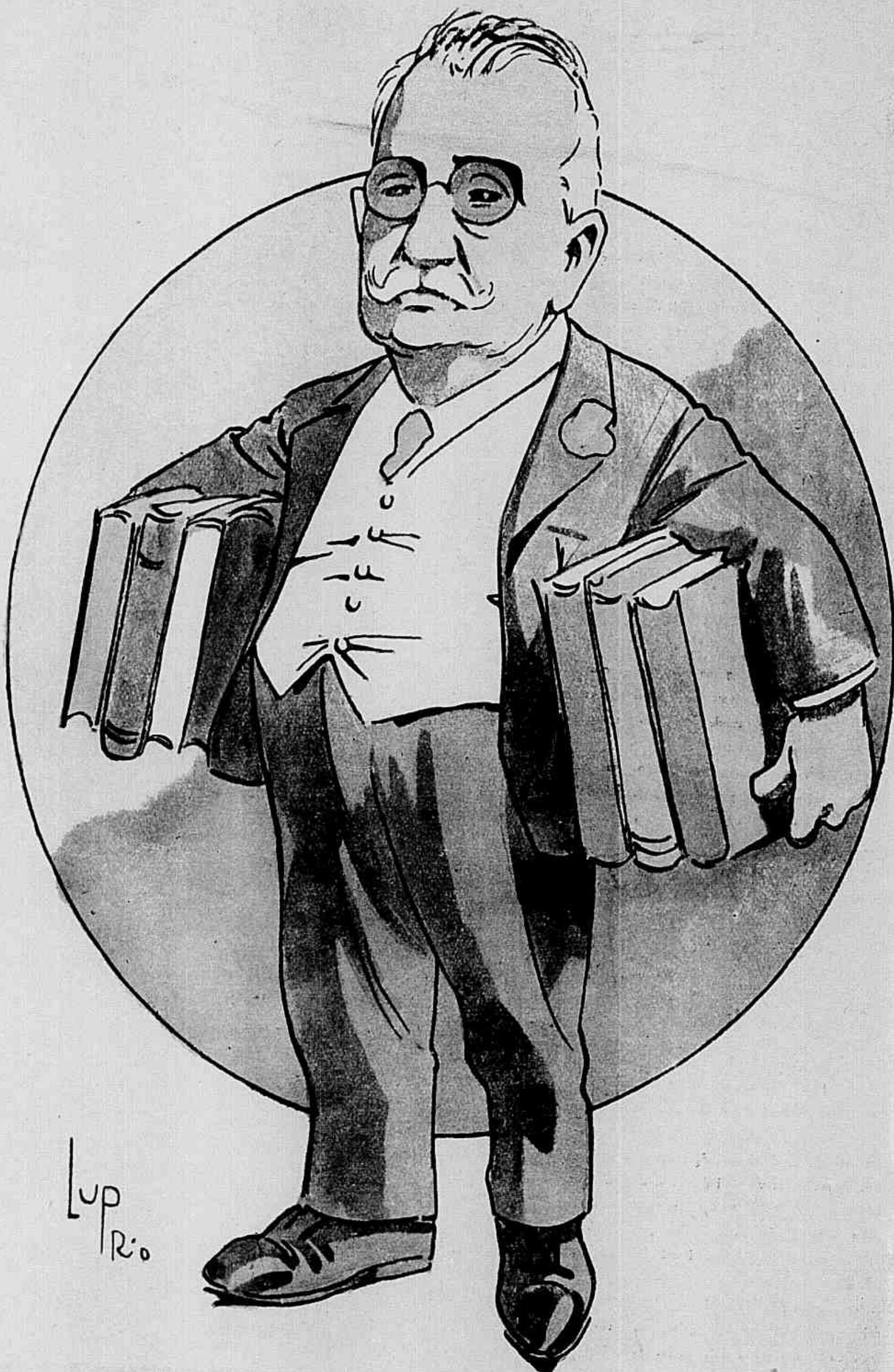
Hoje, com setenta annos, é Silva Ramos um dos homens de letras mais methodicos que se conhece. Mais methodicos, e mais experientes. Castigado pela literatura, só escreve cartas, e isso mesmo para elogiar os livros que lhe são remettidos. Cabeça de neve, rosto rosado, cravo encarnado á botoeira, veste-se com o apuro com que veste, nas cartas, as suas idéas. De uma pontualidade albionica, retira-se da Academia, quer chova, quer faça sol, de modo a chegar em casa á hora do jantar.

De sentimentos religiosos, acredita nos espi-

(Continua em 'Galho de Irliga')

FIGURAS PROMISSORIAS

(Homens de Letras)



SILVA RAMOS

DELIBERAÇÃO SENSATA



— O commendador Bastos? O Antunes? O Bidosinho? Qual d'elles escolho? Não; o melhor é ficar com os tres ...

PAGINA PORTUGUEZA (1910)

A LEGAÇÃO NO BRASIL

DE A. PINHEIRO CHAGAS

O sr. Villça, no seu gabinete, puzera as lunetas e recostando-se na poltrona começara lendo o «Correio da Manhã». S. Ex.^a, envaidecidamente o dizemos, dá-nos a honra de nos ler todas as manhãs, não pelo nada que valemos, mas porque, pessoa extremamente methodica, perfeitamente equilibrada em todos os actos da sua vida e quasi que com a mania da symetria, entende que não seria methodico, nem seria symetrico, lendo todas as noites o «Correio da Manhã».

— Bem me basta, — explicava ha dias S. Ex.^a ao seu cunhado, sr. Rodrigues Nogueira, a quem confidencialmente communicava todas as suas maguas, — bem me basta, como falta de symetria lendo de manhã o «Portugal» e a tarde o «Paiz», não ter a «Nação» para ler todas as noites. Não é por mais nada... é porque me dá assim uma impressão de desequilibrio.

Ora, pois, estava-nos lendo o sr. Villça quando a sua attenção foi chamada em especial para um nosso echo que mais particularmente lhe dizia respeito.

— Ah!... E' a questão do Lampreia, murmurou o illustre estadista. Não gostam do Selir... Mas porque não gostam do Selir?... Ah!... cá está.

— Hum!... Hum!... «substituiu definitivamente na legação o sr. Camello Lampreia pelo sr. conde de Selir, diplomata que, além de outras particularidades, até offerece a de não fallar desembaraçada e correntemente o portuguez, mas sim uma algaravia, estragada por uma existência inteira de boulevard, o que manifestamente o estava indicando para representar a monarchia lusitana... no unico paiz estrangeiro em que se falla o portuguez».

O sr. Villça descansou o jornal nos joelhos, tirou com

os dois dedos da mão direita as lunetas, e encostando a cabeça no espaldar da poltrona, fitou o tecto, pensativo.

Depois, passados alguns minutos de reflexão, murmurou:

— Sim... na sua ironia... a primeira vista elles teem razão... Mas... E de novo se quedou silencioso, olhando o tecto.

Percebia-se que S. Ex.^a nos achava razão, mas que no seu espirito, vagamente, se começava desenhando um argumento, uma explicação a oppôr ao que n'este jornal se escrevera.

Não estava ainda, porém, bem nitida, a ideia, e o sr. Villça, cerrando os olhos, ficou por mais alguns momentos reflectindo.

Por fim, um pouco hesitante, como que não tendo ainda bem reunidos e ligados todos os elementos de raciocinio para formular com nitidez o argumento, murmurou:

— Sim... é claro... Por isso mesmo, porque elle falla mal o portuguez... sim... por isso mesmo...

E atirando com o jornal para o lado ergueu-se da poltrona e, de pé, gesticulando, como se estivesse esmagando um adversario que na sua frente se encontrasse, exclamou em voz alta:

— Mas, oh! senhores, justamente por isso... justamente porque elle falla mal o portuguez é que deve ser representante de Portugal na unica nação onde o portuguez se falla.

E, partindo da hypothese de que o adversario, se ali estivesse, não teria abrangido logo todo o seu argumento, concluiu com um encolher de hombros:

— Pois está claro... Se elle não fallasse mal o portuguez, como é que no Brasil havia m de perceber que elle era lá... um diplomata estrangeiro?...

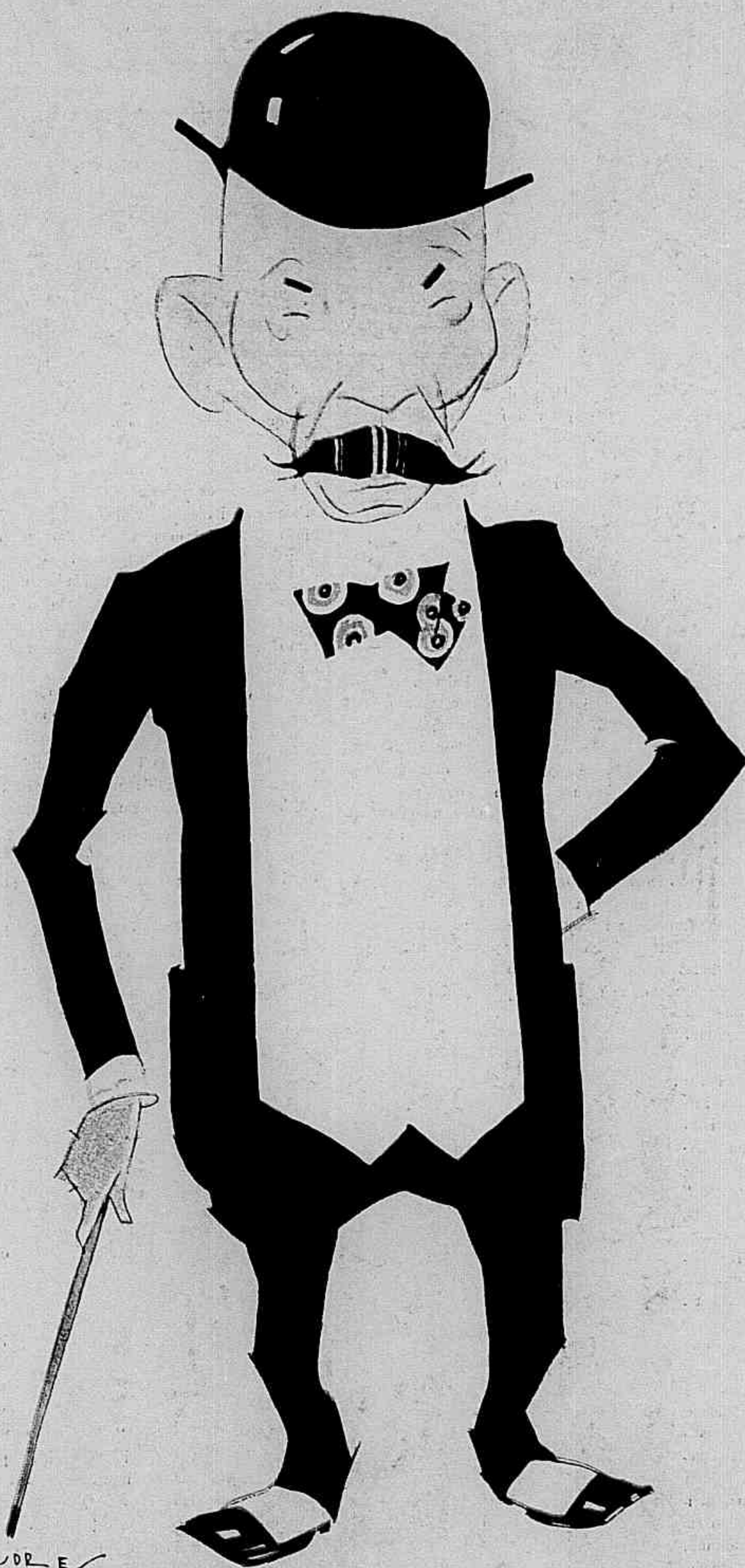
Alvaro Pinheiro Chagas

OS HEROES DA SEMANA



O Team do «Vasco da Gama» que venceu o «Fluminense» no domingo ultimo, por 1 x 0, vendo-se no clichê: — Nelson — Claudio — Leilão — Arthur — Claudionor — Nolasco — Russinho — Paschoal — Torterolli — Ceci — Negrito

GALERIA DIPLOMATICA



ANDRÉ
GUEVARA

DR. SHIA YI—DING

(Ministro da China)

mos dedicar maior somma de cuidado e de tempo á confecção de um numero menor, porém de melhor qualidade de produções; começamos, assim, a dar maior importancia á qualidade que á quantidade.

Comquanto não se possam dizer boas todas as produções que sahem actualmente dos nossos studios, ninguém poderá contestar seja «excellente» a media dessa produção, não só sob o ponto de vista dramático, mas ainda em relação á technica photographica.

Dentro em cinco annos a evolução que soffre o cinema culminará no film «these», os photodramas do futuro serão quadros, themas da vida humana levados á tela. E tão grande é a confiança que tenho nas produções desse genero, que os dois ultimos films que dirigi, Manslaughter («A homicida»), e Adam's Rib (A costella de Adão) têm ambos por thema a vida de uma joven moderna, excêntrica e soberba, na primeira, portadora de excellentes qualidades, na segunda: penso, entretanto, que, comparadas ás produções do proximo lustro, não passam ambas de simples experiencias.

Um grande erro dos directores cinematographicos, é o que tem sido praticado no afan de conseguir maior effeito dramático, em prejuizo da realidade. No film do futuro, buscaremos conciliar com a realidade do drama o assumpto instructivo, como já fazemos, se bem em pequena escala: no film «Something to Think About», (Alguma cousa em que pensar), mostramos pela primeira vez em um film a construção de um tunnel subaquático. Em Adams Rib, parte da acção transcorre em um museu de historia natural. Assim, contribuímos para a vulgarisação das artes, sciencias, industrias, ao mesmo tempo que desenvolvemos a acção dramática. Portanto a acção de grande parte dos films do futuro passar-se-ha em estalleiros, gabinetes de chimica, fundições e laboratorios.»

Depois de percorrer as planícies desoladas e asperas do Utah, na confecção do film «The Covered Wagon», a companhia do director J. Cruze voltou á California, onde se encontra actualmente empregada nos trabalhos de Hollywood. Não podia ser maior o contraste que offerecem esses dois films. No primeiro, a conquista da terra, a invasão, a luta do conquistador com o indigena; no segundo a vida brilhante da metropole mundial do cinema, Hollywood, em que os indios indomaveis se viram substituidos pela constellação resplandecente dos astros cinematographicos. Os primeiros artistas que to-



maram parte nas scenas de «Hollywood» foram Jacks Holt e May Me Avoy; o argumento é de Thomas Geraghty, que o extrahiu da novella original de Frank Condon.

Depois de exito que obteve o primeiro film de Pola Negri posado nos Estados Unidos, é esperada com ansiedade a estrêa de «The Cheat», actualmente em preparação. Neste film dirigido por George Fitzmaurice, tomam parte, alem de Pola Negri, artistas de renome, como Jack Holt, o actor francez Charles Roche, chegado ha pouco aos Estados Unidos, Dorothy Cunning, Robert Schahle, Charles Stevenson, Helen Dunbar, etc.

Corinne Griffith terminou a confecção do seu papel no film «Common Law», e prepara-se para trabalhar por conta propria. Em «Common Law», ao lado de Corinne, figuram Conway Tearle, Elliot Dexter, Phyllis Haver, Hobart Bosworth, Marjorie Daw, Harry Myers, e Wally Van.

«Os mysterios de Paris», o romance de Eugène Sue que Ch. Burguet transportou para a tela, também nos Estados Unidos vae ser filmado; embora digam os americanos que «Os Segredos de Paris» não são mais aquelles «Mysterios de Paris», que Eugène Sue descreveu no seu romance. Bust Collier dirige o film, em que figuram Gladys Hulette, Montagu Love, Lew Cody, Effie Channon e Dolores Cossinelli.

Existe entre nós uma figura de malandro muito conhecida: o marido de professora. Ora, a moça que, entre nós, tem a desgraça de casar com um desses typos repellentes é condemnada a sustental-o toda a vida, pois não dispende de um meio de livrar-se d'elle para constituir nova familia, não se soccorre do desquite, «et pour cause». . . Na America do Norte a cousa é outra, ao que parece: Wanda Hawley acaba de divorciar-se de seu marido porque, segundo ella, este é um malandro que queria viver á sua custa d'elle.

Sinesio de Conde é um artista de cinema nascido no Brasil e educado em Paris; em Paris começou a trabalhar em films, seguindo depois para os Estados Unidos, onde tem pertencido aos elencos da Metro (com Nazimova), Paramount, Fox, Goldwyn e Universal.

Richard Dix, que ha muitos annos trabalha na Goldwyn, passou-se agora para a Paramount, em compensação, Conrad Magel, passou-se da Paramount para a Goldwyn, com a qual firmou um contrato para muitos mezes.





CHRONICA

Uma das cousas que mais concorrem para o agrado com que são geralmente acolhidos os films americanos é, indiscutivelmente, a belleza das actrizes e a magnífica estampa dos actores.

Raro o film em que não são bellas as mulheres e em que o galã pelo menos, seja um rapagão capaz de satisfazer o ideal de qualquer melindrosa. E ainda quando desprovido de belleza na physionomia agrada pelo desempenho de homem forte, cheio de saude, risonho como uma

creança; um todo, finalmente, que inspira a sympathia, que é o apanagio desses americanos do Norte, dessa raça de gente sempre alegre, dessa alegria constante e vivaz que produz a consciencia do proprio valor.

Contrastando com os films americanos, as produções francezas e italianas apresentam mulheres desgraciosas, artistas de uma arte falsa e força de exaggerada, artistas que podem ser lindas mulheres, mas que apparecem na tela desprovidas de escanto, sem a graça perturbadora das americanas; e que dizer dos homens? Onde aquella desenvoltura, aquella naturalidade que faz dos americanos verdadeiros artistas da vida real, não meros bonecos de guignol para creanças? Onde aquella perene alegria que se traduz pelo largo sorriso desses dentes impecaveis? O actor francez ou italiano, por moço que seja o personagem que encarna, tem um ar preocupado que lhe tira a naturalidade, exaggera a expressão physionomica das paixões que o agitam, de tal sorte que, muitas vezes, querendo exprimir amor, ternura, exprime apenas medo, pavor, odio, desprezo,

tudo aquillo, em summa, de que nem sequer cogitou.

Com esta enorme vantagem sobre os francezes, sobre os italianos, têm ainda os americanos a auxilia-los a perfeição da technica, a luz appropriada, o maquillage, os scenarios, a photographia.

E não sejam na realidade o que parecem na tela, como firmemente creio que não são, terão comtudo conseguido o seu fim que é agradar; apaixonarão as platéas, serão imitados, macaqueados, reproduzidos, tornar-se-hão multidões.

Quantas Mae Murray, Dorothy Dalton, Mary Pickford, etc., vemos nós á hora do footing, na Avenida, no Flamengo, nas casas de chá, de modas, de perfumarias?

Quantos almofadinhas empinando o peito buscam mostrar a musculatura de um Wallace Reid, de um Douglas Fairbanks de um Thomas Meighan?

Quantos se vestem pelos moldes elegantes que fazem a distincção dos galãs americanos? E quem imita, hoje, Bertines, Pinas, e tantas outras de quem nem o nome conhecemos?

Ninguém, que se havemos de imitar, de macaquear, antes imitar a belleza sadia dos americanos, a belleza de um povo forte, educado nos exercicios, do que aquella dos francezes e italianos, que é tambem a nossa, decadente e doentia belleza da raça super-apurada dos latinos.

M.



Redactor de conhecida revista cinematographica americana apresentou recentemente o seguinte questionario ao celebrado director da Paramount Cecil B. De Mille: «Que pensa do cinema na actualidade? Que será o cinema dentro em cinco annos? Qual, em sua

opinião, o valor educativo do cinema?»

Cecil De Mille, que acaba de completar a direcção do film Adam's Rib (A costella de Adão), respondeu como se segue:

«Produzimos presentemente um typo de pelliculas que bem podemos dizer excellente. Tendo já passado para nós o periodo commercial da industria cinematographica, pode-





UM HOMEM POLIDO



© Conto de ©
CARLOS CARVALHO

O que vou contar é um caso verídico e, quicá, unico, singular nos domínios da delicadeza. Foi-lhe cenário o Rio de Janeiro, cidade em que se passam as coisas mais interessantes, mais originaes, mais imprevisitas, ao alcance da imaginação. Não o presenciei, nem o sabia; mas quem m'o contou, é pessoa de absoluta confiança, cuja palavra não foi, jamais, posta em duvida. Começo a narrar o caso, logo, a quem me lê, para que, de mais, se lhe não aguce a curiosidade...

Se houvesse, no Rio, pessoa digna, honrada, criteriosa, havia de ser como o bacharel Leovigildo da Cunha, cuja banca de advogado era uma das mais afreguezadas no mercado forense. Jurista de nome, o illustre homem de leis possuía, entretanto, coroando as suas virtudes, um attributo excepcional: o de cavalheiro polido, delicado, na maior, na extrema, acceção do vocabulo. Não havia senhora que o excedesse na gentileza, na correcção das maneiras, e era sabido que, quem o tratasse assim, ganhava, logo, na sua estima, no seu apreço, na sua consideração.

Aquelle predicado era, ainda, e sempre, uma forma poderosa, segura, infalivel, posta em pratica por quem quer que fôsse, contra a sua pessoa, para a desarmar. Estivesse elle irritado, zangado, — e bastava uma palavra polida, um gesto gentil, um termo cortez, para de mal-o. O

leão tornava-se cordeiro; o mi-lhafre transformava-se em pom-ba; o ophidio venenoso em lagarta inerte, que o pé mais humilde podia, então, esmagar.

Dito isto, passa-se a dizer que o bacharel Leovigildo da Cunha era casado, e que a sua esposa, a formosa Dona Rachel, era, em muita cousa differente do marido. No gostar de bailes, de passeios, das modas exaggeradas, era, porém, que se encontrava a disparidade maior entre a delle e a sua natureza. Posto que homem da sociedade e gentilissimo, como era, o bacharel Leovigildo não acompanhava, em muita coisa, a mulher, a quem dedicava, entretanto, uma affeição carinhosa, que se manifestava na capitulação frequente, deante dos seus caprichos femininos. Era que ella, sciente dos pontos vulneraveis do marido, não deixava de o cumular de gentilezas, de attentões estudadas, na velada expectativa duma vontade satisfeita...

Durante muito tempo, a vida seguia a mesmice duma rotina: Leovigildo sempre se apurando em desmedidas, largas delicadezas, e a esposa, cada vez mais, se divertindo, até que, um bello dia, se deu um facto sensacional, que devia pôr á prova o homem mais polido do mundo.

Tendo esquecido, certo dia, na sua casa de residencia, a chave do escriptorio, voltou Leovigildo no mesmo bonde, para rehavel-a. E penetrava, delicado, a saleta de espera, quando viu na sala de visitas, o vulto de Dona Rachel, cuja bocca semeava de beijos o rosto aspero de um cavalheiro desconhecido.

Ante esse espectáculo, o sangue de Leovigildo da Cunha affluia, todo, á cabeça. O homem transformou-se. Dir-se-ia atacado de appoplexia. Abrindo um movel no aposento contiguo, saccou uma pistola, e ia já detonar a arma contra a mulher e, certamente, contra o conspuscador do seu nome, quando este, informado, sem duvida, do lado fragil daquelle cuja honra ennodoava, se poz de pé, e, com o maior sangue frio, pediu-lhe um momento de attentão.

— Meu caro doutor, — disse, — peço-lhe que não prosiga no seu gesto, que é indigno das suas tradições de polidez. Solicito-lhe, entretanto, desculpas, pelo que se acaba de passar. Desculpe-me: desculpe-me, que eu não sabia, absolutamente, que esta senhora era casada.

E nesse tom, continuou a explicar-se, a desculpar-se, gentil, maneiroso, imperturbavel.

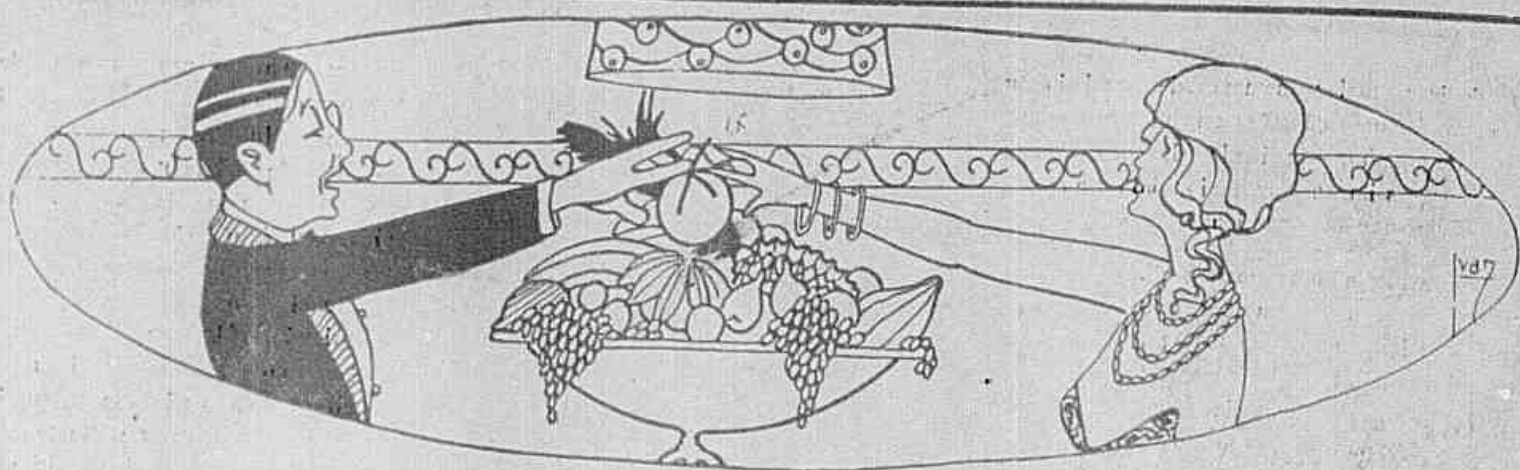
Foi, ahi, então, que se deu a scena difficil de acreditar, de conceber, pois não era crível que a delicadeza daquelle homem chegasse áquelle ponto. Commovidamente vencido, derrotado, diante de taes maneiras, Leovigildo da Cunha sorriu. Sorriu, e, dirigindo-se ao intruso, pediu-lhe, apenas:

— Desculpas, meu caro senhor, peço-lhas eu. Perdõe a minha indelicadeza, penetrando aqui sem me fazer annunciar.

E numa reverencia, sahindo:

— Podem continuar...

Carlos Carvalho



SEDECIAS

CONTO DO

ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

Cabellos castanhos e encaracolados, que lhe desciam até a cintura, olhos negros e grandes, rosto moreno e doce, em que o nariz era uma batatinha e a bocca um cravo vermelho, a Palmyrinha andava pelos oito annos quando a mãe a metteu, impiedosa, no Collegio das freiras. Arrancada á companhia filial das suas bonecas e do seu gatinho, a pequenita sentiu bastante a mudança de vida, nas primeiras semanas. Pouco a pouco, porém, se foi acostumando com o novo ambiente, de modo que, dentro de algumas semanas, era com prazer que corria a vestir-se, para que a governante, a Suzanna, a levasse para a aula.

Portuguesa de origem, a creada da Palmyrinha era um legitimo typo da raça. Alva, sadia, forte, olhos claros, trazia ainda na face a vermelhidão dos climas frios, e cabelleira abundante, que, quando sôlta, lhe descia quasi aos joelhos. A bocca era grande, mas bem feita, munida de dentes vigorosos, que se mostravam, todos, quando a rapariga soltava uma das suas gargalhadas joviaes.

O Collegio da Immaculada, dirigido pelas irmãs Carmelitas, ficava em Botafogo, perto da praia. Acreditado e honesto, reunia todas as creanças do bairro, estando, por isso, naquelle dia, repleto de meninas de sete a doze annos, a quem a freira, a irmã Luisa, explicava, de livro aberto, aquelle trecho da historia sagrada, referente á sabedoria do Daniel. E lia ás crianças, os oculos na ponta do nariz:

«Entre os judeus captivos em Babilonia vivia um muito considerado, chamado Joaquim, casado com a bella e virtuosa Suzanna. Reuniam-se os judeus em sua casa, e dois velhos, nomeados juizes, ahi estabeleceram o seu tribunal. Tinha Joaquim um pomar contiguo á sua casa, e alli costumava Suzanna ir passear todos os dias nas horas de maior calma. Os dois velhos o sabiam, e um dia, escondendo-se ambos no pomar, quando Suzanna tomava banho, apresentaram-se a ella e com o maior atrevimento exigiram, que, por comprazer com elles, commettesse

um grave peccado. E disseram mais: «Si não consentes, havemos de te accusar, dizendo que te apanhamos commettendo uma acção má».

Não obstante ser grande o capitulo da «Historia Biblica» em que a irmã Luisa contava ás meninas a historia em que Sedecias, escondido no pomar com outro juiz de Israel, espiava o banho da mulher de Joaquim, a Palmyrinha só chegou á aula depois de acabada a leitura, e quando a freira abria um intervallo para fazer algumas perguntas sobre a materia delectada. Era o unico meio de verificar se as meninas haviam prestado attenção, e, mais, se haviam comprehendido.

Assumindo o seu posto, á ponta de uma fila, Palmyrinha não sabia sequer o que havia sido a lição. Sentou-se, porém, dignamente, e começava a conversar, baixinho, com uma das colleguinhas, quando a irmã Luisa perguntou, no principio da turma:

— Quem era o velho que ia espiar Suzanna, quando ella estava no banho?

Um silencio assustado pairou por toda a aula. O pavor, mudo, brillava no olhar das creanças.

— Adeante! — ordenou a freira, mudando o olhar para outra alumna.

E como esta não respondesse, foi mudando:

— Adeante... adeante... adeante...

Na penultima da fila, repetiu:

— Quem foi?

E sem se lembrar que a menina havia chegado depois da leitura:

— A senhora, Dona Palmyra: quem era o velho que ia espiar Suzanna quando ella estava tomando banho?

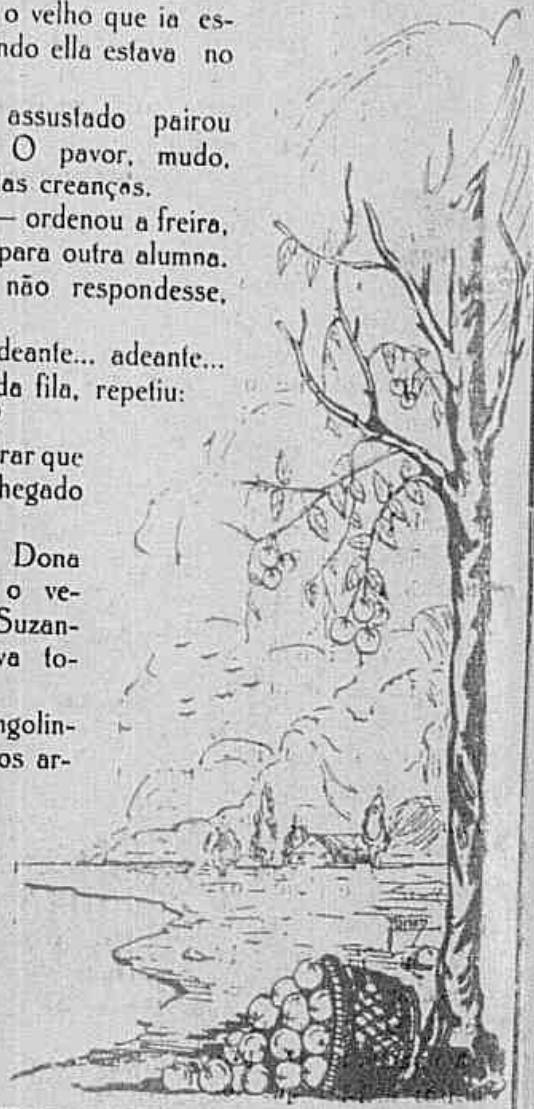
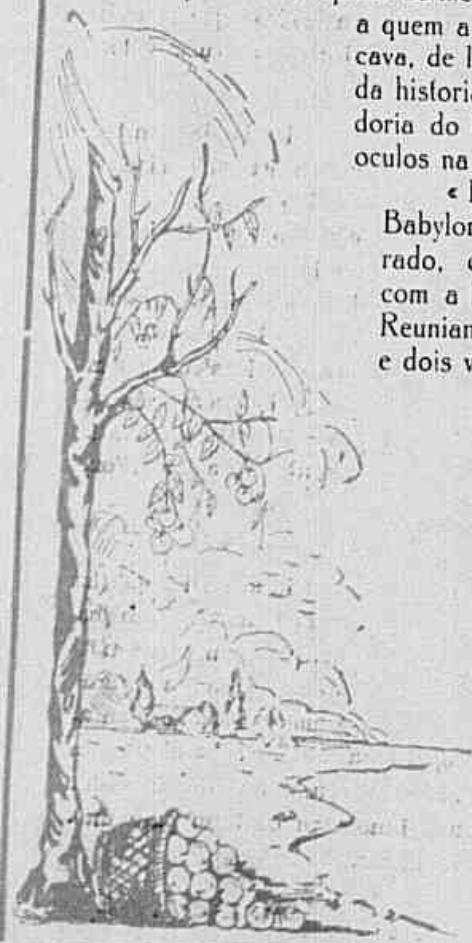
Vermelhinha, engolindo em secco, os olhos arregalados, visivelmente nervosa, a menina mastigou:

— Era... era...

E numa resolução subita:

— Era... o vôô!...

Almirante J. Ribas



Theatro Boccacio Continuação

tinha entrado lá... A mulhersinha foi buscar o marido e fez um arranca rabo...
JOÃO COLE — O Penna ficou depennado...

BRAULIA — Olha que o almoço está esfriando...

DAISY — Que é que temos para almoçar hoje?...

BRAULIA — Frios sortidos... à la merveille... ovos pochés à la Bretagne...

DAISY — (sentando à mesa) — Não sei o que está mais réles... se é o francez ou o almoço... Ande João Colé?... Venha comer alguma coisa... (para Castorina) olha rapariga... bota uma cadeira aqui para o doutor...

JOÃO COLE — Eu sento apenas para fazer companhia... Já almocei...

BRAULIA — (enchendo dois cálices de vinho moscatel) E' a conta... Toma João Colé... Vamos acabar com esta garrafa.

JOÃO COLE (aceitando o calice) Obrigado, D. Braulia... Isso eu aceito...

DAISY — (pegando no outro calice) Não mamãe... Tenha paciência... A senhora bebe outra vez... Hoje eu preciso me fortificar... Tenho que trabalhar... (bebe)

JOÃO COLE — Vae sair?

DAISY — E' um camarada novo que ficou de vir hoje e... Elle disse que chegaria antes de 1 hora...

BRAULIA — E' aquelle que estava no Alvear outro dia? De cinzento?

DAISY — E' sim... O pae é muito rico... Tem uma fabrica em S. Paulo... Você talvez conheça João Colé!... A familia se chama... se chama... como é mesmo Daisy?... Leite Barroso... E' isto mesmo... Leite Barroso... Tem sete fazendas no Jahu... O José tem um rendimento, só elle de cinco contos por mez...

JOÃO COLE — Que José é esse?

DAISY — José é o meu camarádinha novo... Esse que eu estou esperando...

(campanha)
BRAULIA — Estão tocando...
DAISY — Vae ver quem é... Castorina.

(Castorina sae e volta logo depois)

CASTORINA — E' elle mesmo...

DAISY — Elle... quem...?

CASTORINA — «Seu» Zézé... o filho mais velho do Coronel Barroso...

DAISY — Como?!... Você conhece?! (levantando-se precipitadamente) E' elle mesmo?

CASTORINA — Conheço sim senhora... Estive cinco annos em casa do pae delle...

DAISY — Tanto melhor... Vá abri... faça-o entrar para a saleta de espera e converse um pouquinho com elle enquanto eu me visto... (sae)

SCENA 4.ª

João Colé, Braulia e Castorina

(pequena pausa — campanha).

BRAULIA — O rapariga!... Vá

abrir e fazer o que sua patrão disse...
Você não ouviu?

CASTORINA — Não senhora... eu não vou... não...

BRAULIA — Não vae por que?

CASTORINA — Não vou não senhora... Quando deixei a casa do «seu» Coronel Barroso, eu disse que vinha para o Rio, para uma casa séria, de gente direita... e não quero que elle saiba que eu estou aqui... (tirando o avental e jógando sobre a meza) Prefiro ir embora e perder o emprego... Mas não vou apparecer a seu Zézé...

BRAULIA — (num gesto heroico, tomando o avental sobre a mesa, enquanto a companhia continua a tocar) Pois eu mesmo vou abrir... (pondo o avental) Mas fique sabendo sua cachorra que nós somos gente direita... Pobre mas honrada... Nesta casa até as mulheres trabalham... Não somos vagabundas como você (sahido) Gente pobre... mas honrada...

(panno)

ACTO 2.º

Mesmo scenario — 3 horas da tarde do mesmo dia.

SCENA UNICA

Daisy, Braulia e João Colé

(João Colé está sentado na cadeira de balanço lendo *La Garçonne*, quando entram Daisy e Braulia).

DAISY — Deixa ver... Quanto foi que elle lhe deu de gorgeta?

BRAULIA — (mostando) Dez mil reis...

JOÃO COLE — O que? D. Braulia?!... Dez mil reis?... Sua benção!... minha madrinha!

BRAULIA — (jogando o avental sobre a mesa). Eu erreí a vocação... Esta ia muito melhor se fosse creada em vez de ser mãe dessa pequena...

JOÃO COLE — Que é que vae fazer desse dinheiro todo?

DAISY — Jogar no bicho com certeza...

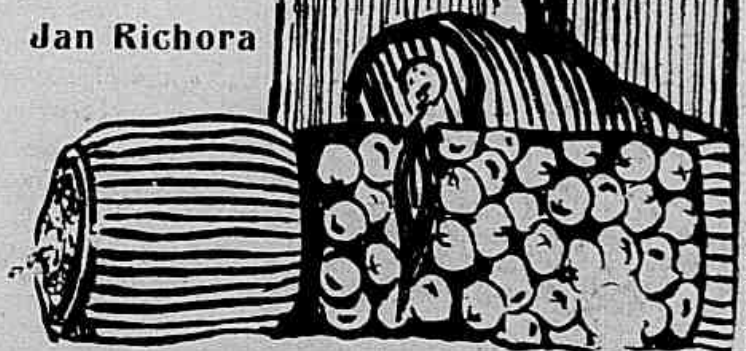
BRAULIA — Está mui o enganada... vou mandar botar meia sóla nos sapatos de seu pae...

DAISY — Outra meia sóla?... Ainda o mez passado...

BRAULIA — Tambem... elle leva o dia inteiro a passeiar para baixo e para cima, na Avenida, a ver annuncios de cinema, enquanto nós trabalhamos aqui, como dois burros de carga.

(Panno)

Jan Richora



THEATRO BOCCACCIO

GENTE HONRADA

Comedia em 2 actos de JAN RICHORA

Personagens: Daisy — 20 annos —
 Braulia — 50 annos mãe de Daisy —
 João Colé — 30 annos — Castorina —
 22 annos — uma criada.

Rio — Actualidade.

ACTO 1.º

Em casa de Daisy — Sobradinho
 numa rua proxima da Lapa. Sala de jantar
 burgueza — Mobilia acaju, de prestação.
 Na parede: uma oleogravura e o retrato de
 Saccadura Cabal. Ao canto uma cadeira
 de balanço.

SCENA 1.ª

Castorina e Daisy

(Castorina está arrumando a mesa em-
 quanto Daisy, vestida apenas com um roupão
 de banho lê a *Garçonne* sentada na cadeira
 de balanço — um relógio na côpa, está
 dando horas).

DAISY — (parando a leitura) Meio
 dia... panela no fogo...

CASTORINA — E a barriga vasia...
 mas não é por minha culpa... A mesa
 já está pronta...

DAISY — (gitando para o interior)
 Mamãe!... Hoje não se almoça nesta
 casa?

UMA VOZ — (no interior) Já
 vae!... Já vae! (campainha)

DAISY — Vae ver... Castorina...
 (Castorina sae e volta pouco depois
 acompanhada de João Colé).

SCENA 3.ª

Daisy, Castorina e João Colé

DAISY — O' João Colé!... Você?

JOÃO COLE — Quasi não aceti
 com a casa... Tambem esqueci que você
 agora se chamava Daisy, e fui perguntar
 na padaria da esquina onde é que morava
 uma m'ça chamada Rebertina...

DAISY — Que horror! Não repita
 esse nome... (para Castorina) Ande com
 isso Castorina... Ponha mais um prato.
 (para Colé) Você almoça conosco?... Passa
 mal... Almoço de pobre... Alem disso
 mamãe está na cosinha...

JOÃO COLE — Já almocei... Vim
 apenas ver a sua nova instalação. Está
 clic.

DAISY — Gastou dos movéis? Foram
 comprados ao Arnaldo... Aquelle russo
 das prest'ções...

JOÃO COLE — (sentando junto de
 Daisy e vendo o livro que ella estava
 lendo) Que? *La Garçonne*?

DAISY — Que quer? E' preciso
 aprender a viver... Hoje em dia a mulher
 tem que se defender... Cavar a vida
 como um homem... Mas... você chegou
 mesmo a proposito... Tem ahi uma pala-
 vra que eu não traduzo bem... Sabe...
 o meu francez de escola Normal é muito
 vasqueiro...

JOÃO COLE — Que palavra?

DAISY — Ahi mesmo nessa pagina
 que está marcada...

JOÃO COLE — Onde?

DAISY — (tomando o livro e mos-
 trando) Ahi.

JOÃO COLE (endo) — «Dejà?»

DAISY — O' a!... Vá lendo...
 quando chegar eu digo.

JOÃO (continuando a ler) «Dejà,
 sous les baisers dont la Flammande lui
 parcourait le corps. Ginette, les bras devant
 les yeux, poussait son habituel roucoulement,
 tandis qu'à côté d'elle, Carmen et Michelle,
 lovées en cercle avec Max, nouaient étroite-
 ment de bouche à sexe, une ondulante guir-
 lande...»

DAISY — Páre... páre... já
 passou. E' ataz... Ah!... quando diz:
 «lovées»...

JOÃO COLE — Homem... «lo-
 vées»?... «lovées»?... Assim ao pé da
 letra... não sei bem agora... mas deve
 ser uma especie de carro motor com dois
 rebuques...

SCENA 3.ª

Daisy, João Colé, Castorina e Braulia

BRAULIA — (entrando com um prato
 de frios sortidos e outro de ovos fritos)
 Ah! Você estava ahi João Colé?...

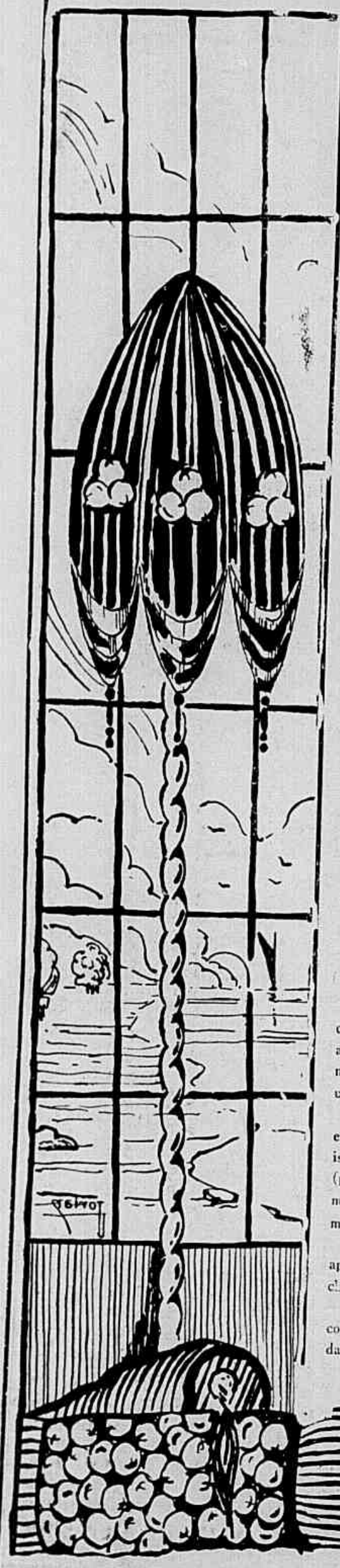
JOÃO COLE — (levantando) — O'
 D. Braulia? Como passa? Sempre tra-
 balhando?

BRAULIA — Que quer? Hoje não
 ha mais cecirheiras...

JOÃO COLE — D. João creado de
 si mesmo...

BRAULIA (pondo os pratos sobre
 a mesa) — Não sei... mas o almoço
 está prompto... Alem disso fazemos eco-
 nomia... Estamos todos juntos...

DAISY — Quando eu morava sozinha
 na rua do Cattete passava melhor,
 mas gastava tudo quanto ganhava e estava
 longe dos meus... E não tinha socego...
 Você não imagina, João Colé... aquella
 casa tinha cabula... Toda semana devia
 haver um escandalo... ora um roubo de
 joias... ora uma moradora que tentava
 suicidar-se com morphina... O ultimo foi
 com um tal Penna, por causa de uns
 bombons que elle esqueceu no bonde e
 foram entregar á mulhe: dizendo que elle



HUMORISTAS ESTRANGEIROS

O CANARIO

Conto de DANIEL RICHE

— Responda sem subterfúgios: eu lhe asseguro que me matarei si a senhora me impuzer a condição de esperar pela retribuição do meu amor. Diga, pois: quer que eu morra?

Geraldina olha o rapaz com uns grandes olhos admirados.

— Como?... Que?... Você quer morrer?

— A senhora não entendeu o que eu disse? — tornou o moço.

Um rubor ligeiro tornou mais linda a rapariga.

— Eu estava distraída com o canto daquelle passaro que está alli, na gaiola, á porta do hotel. Está ouvindo como elle dobra a voz?... E' maravilhoso!

— Eu sei; mas não se está tratando do passaro. Trata-se do meu coração, do meu amor por si. Responda-me qualquer cousa.

— Eu queria aquelle passaro; sabe? — tornou a moça, desviando a conversa e indicando o pequenino cantor engaiolado.

Jeph de Loovil deu tamanha pancada com a bengala sobre a mesa rustica do hotelsinho, que os copos saltaram de terror e a hoteleira accorreu, enxugando as mãos no avental, suppondo que a estavam chamando.

— Eu quero comprar esse passaro, — disse o rapaz. — Quanto quer por elle?

— Meu senhor, — respondeu a robusta matrona, — dessem mil francos pelo meu canario e eu não o venderia. Acredite que elle me vem — e saudou muito baixo, respeitosa,

como se a personagem estivesse diante della. — de sua Magestade o Rei!

— O Rei lhe deu um canario?

— Sim, meu senhor. Elle m'o offereceu por intermedio do caçador de palácio, que me tinha amizade porque a mãe d'elle e a minha haviam sido amas na mesma casa. Ha muito tempo, desde o meu casamento, elle me promettia: — «Eu hei de te dar um presente real... Tu verás...» O anno passado, por Santa Gudula, elle me trouxe esta gaiola: — «Eu te trago de festas um dos nossos melhores cantadores... Muitas vezes, quando o acaso conduzia o Rei para os lados do viveiro, Sua Magestade parou, para ouvir este passarinho...»

De pé, Geraldina insistiu:

— Venda-me este canario; não importa o preço!

— Perdõe-me, minha senhora — tornou a hoteleira: — mas eu tenho do meu avô, o velho Wilden, um caracter inteiriço. Uma vez, elle quasi racha ao meio o seu patrão, unicamente porque este lhe queria augmentar o ordenado. Eu sou assim. Por isso, digo-lhe: a senhora pôde dar-me este mundo e o outro, mas eu não me separo do canario do Rei.

O tom em que falava a hoteleira era de tal ordem que a moça não insistiu mais. Em vez de teimar, preferiu ella correr para a sua charette, da qual tomou as redeas, tendo Jeph a seu lado. Em caminho, impoz-lhe:

— Sabe você de uma cousa? Ou você me arranja aquelle canario dentro de tres dias, ou não me verá mais.

Ao fim do terceiro dia, por uma tarde fina e delicada de estio, embalsamada de malva, tenra o apaixonado apresentou-se no castello da sua bem amada, trazendo nas mãos uma gaiola de ouro, na qual o canario real lançava, para saudar o crepusculo, uma atordoante cavatina de sons.

— Como você o arranjou? — indagou Geraldina, contente.

— Roubei-o.

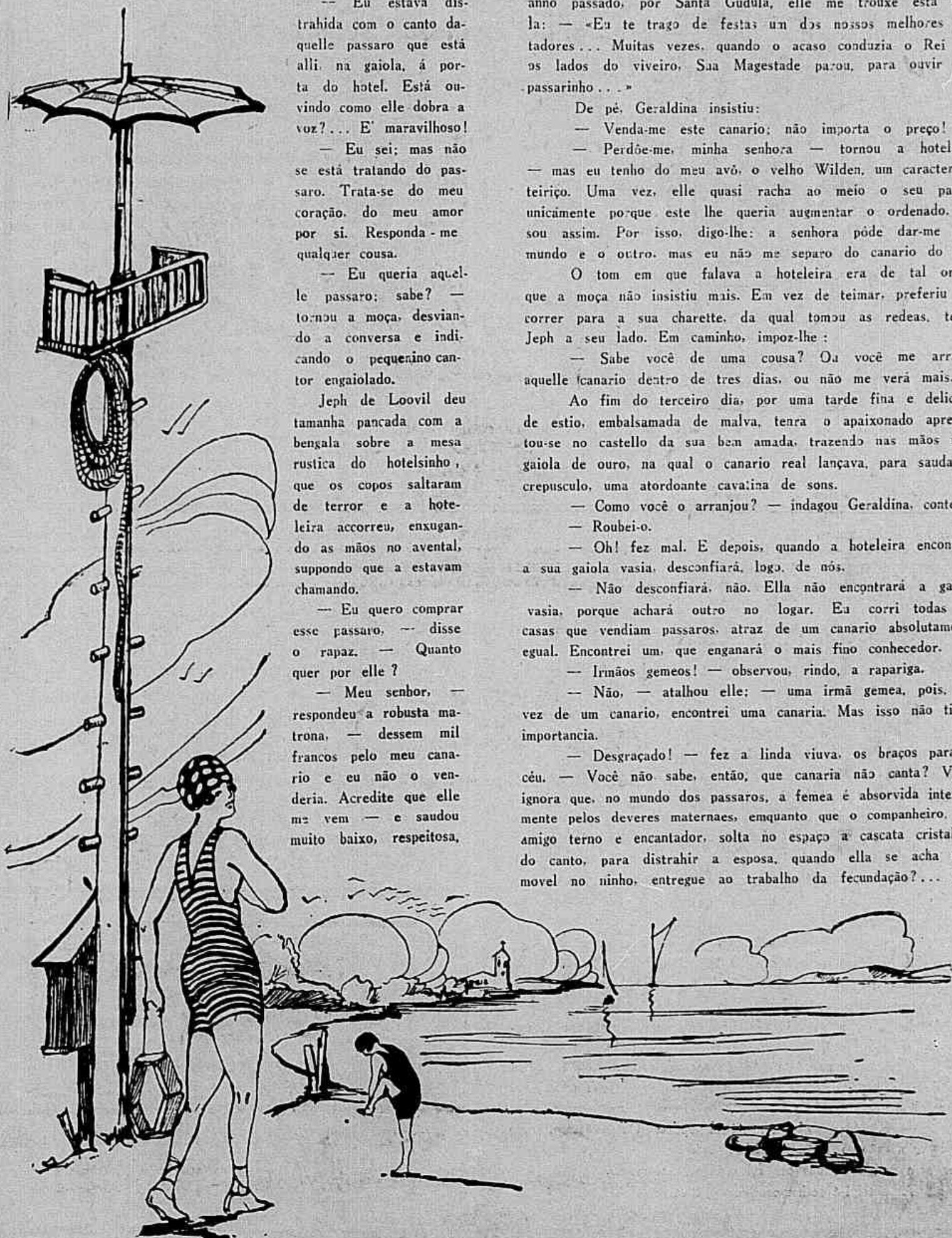
— Oh! fez mal. E depois, quando a hoteleira encontrar a sua gaiola vasia, desconfiará, logo, de nós.

— Não desconfiará, não. Ella não encontrará a gaiola vasia, porque achará outro no lugar. Eu corri todas as casas que vendiam passaros, atraz de um canario absolutamente igual. Encontrei um, que enganará o mais fino conhecedor.

— Irmãos gêmeos! — observou, rindo, a rapariga.

— Não, — atalhou elle: — uma irmã gêmea, pois, em vez de um canario, encontrei uma canaria. Mas isso não tinha importancia.

— Desgraçado! — fez a linda viuva, os braços para o céu. — Você não sabe, então, que canaria não canta? Você ignora que, no mundo dos passaros, a femea é absorvida inteiramente pelos deveres maternas, enquanto que o companheiro, só, amigo terno e encantador, solta no espaço a cascata cristalina do canto, para distrahir a esposa, quando ella se acha imovel no ninho, entregue ao trabalho da fecundação?... Sa-





Galho DE URTIGA

Versos ... masculos

A illustre e brilhante poetisa, notavel pela audacia de seus versos de paixão, procurou, ha dias, Graça Aranha, a quem queria mostrar um livro de poesias, que pretende publicar. Attendido pelo glorioso autor da «Chanaan», leu-lhe versos durante tres horas, ao termo das quaes Graça Aranha opinou:

— Muito bem, minha senhora; eu acho, porem, que a senhora devia cortar uma parte das poesias.

— O mestre acha, então, que o livro lucraria com a concisão? — indaga a poetisa.

Graça Aranha riu.

— Com a concisão, não.

E fazendo uma tezoura com o fura-bolos e o maior de todos da mão direita:

— Com a circunscisão!

A desculpa

Aquelle casal accentuadamente mundano vive em boa paz. Uma cousa, apenas, quebra a harmonia dos dois: os decotes de madame.

Estes são, realmente, exaggerados, quer atraz, quer na frente, mostrando de um lado as espaldas, e de outro, uma parte do estomago.

— Eu não gosto disso, filha, — diz-lhe o marido. — Esses decotes são um escandalo!

— Mas isso não é porque eu queira, fulano.

E explica:

— Sabes por que é? E' porque eu, quando tenho que sair, ponho, em primeiro lugar, o chapéu. E como é que eu posso enfiar o vestido pela cabeça, com chapéu e tudo, se o decote não for grande?

(Concl. de SILVA RAMOS)

ritos, considerando-os o motor de tudo que se faz neste mundo.

— Ha alguma cousa no «Aláim!» — diz, na sua prosodia coimbrã.

E justifica:

— Que há, há; lá isso, há!

Bôa alma, excellente coração, cuidadoso, sempre, de não magoar o seu proximo, Silva Ramos é um dos «immortales» que podem contar com a immortalidade, neste mundo, ou no outro. Justo é bom, ha de ter um lugar entre os santos.

A não ser, bem entendido, que não haja alguma cousa no «Aláim»...

Rodin

E com esse pretexto, continua a mostrar aquelle col. lo moreno, que é uma tentação, um perigo, um encanto.

«Garde-enfants»

Com a idéa de repopulação do paiz, tem apparecido, na França, os projectos mais pittorescos, incentivando os homens para o casamento, e velando, depois, pelas creanças que nascerem desses casaes. A natalidade infantil tem, igualmente, despertado a attenção dos patriotas, os quaes verificaram que grande numero de creanças da burguezia são prejudicadas pelo descaso das mães. Indo aos theatros e cinemas todas as noites, as damas chics abandonam em casa os seus pequenitos, que soffrem com isso na mão de pessoas inhabeis. E foi, então, lembrado o seguinte: a instituição de um gabinete, nos cinemas e theatros, para guardar creanças. As mães irão com ellas, entregal-as-hão ás amas encarregadas, receberão um cartão numerado, como se faz com as capas e os chapéus, e receberal-as-hão á sahida, de accordo com a ficha.

O perigo estaria, apenas, na troca dos pirralhos. Quem sabe, porém, si, com os enganos, ellas não iriam ter ás mãos... do verdadeiro pae?

O segredo das «estrellas»

Uma das condições essenciaes para se fazer estrella de uma fabrica de films é a belleza. A maioria das que conquistaram esse ambicionado logar o tem conseguido com o uso constante do creme de cera purificado, dando á cutis o assetinado e a frescura indispensaveis á belleza.



— O seu alfaiate veste-o mal?

Nós o vestiremos bem.

— O seu alfaiate veste-o bem?

Nós o vestiremos melhor...

VISITE V. EX. A

ESTRELLA BRANCA

(WHITE STAR)

E verificará que em parte alguma se poderá vestir em melhores condições

146 — Rua Urugayana — 146

ODORANS

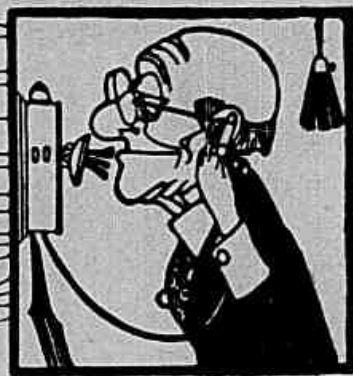
Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito

Uma experiencia custa apenas : **Liquido : 2\$500**
Pasta : 2\$500

A venda em toda parte — Em São Paulo : Casa Lebre — Atacado : Casa Hermann, Rio



"POTINS"



Sciencia... commercial

Quem conta este caso, falso ou verídico, é o dr. Fabio Sodré.

Antes de partir para a Europa, estava o dr. Ernani Alves no seu consultorio, quando o chamaram para ver um commerciante da rua da Assembléa, que, tendo passado a navalha na barriga, estava com os intestinos de fóra. Removido para uma casa de saúde, foi o tresloucado entregue aos cuidados do jovem operador, que, um mez depois, procurava regularizar o preço dos seus serviços.

— O melhor para convencer-o, — aconselhava o seu inseparavel amigo, dr. Leonidio Ribeiro, — é mandar-lhe uma conta de character commercial.

E no dia seguinte, a victima recebia, realmente, a seguinte «factura»:

O sr. Fulano de tal Deve
ao Dr. Ernani de Faria Alves
70 centímetros de intestinos postos pa-
ra dentro, á razão de 1:000\$ o me-
tro 700\$000
S. E. & O.
A resposta foi um cheque.

Vanitas...

De certo tempo a esta parte, foi notada, na Avenida e respectivos pontos de parada elegante, a ausencia d'aquella senhora, creatura tão mundana, que jámais faltava, no Alvear, ao chá das cinco. Em compensação, começou-se a notar a sua presença, á noite, nos cinemas, onde, para mais agravar a situação, baixava os olhos quando via um conhecido.

A maledicencia publica principiava a exercer o seu mistér, aventurando conclusões arrojadas, quando aquelle joven medico, amigo da familia, esclareceu o misterio:

— Não é nada disso, meninos. O caso é simples. Fulana achou que tinha os olhos feios e, querendo tel-os bonitos, mandou applicar sob as palpebras uma injeção de parafina. Os olhos inflammaram, o rosto inchou, e de tal forma que ella não quer que ninguém lhe veja, agora, a phisionomia alterada.

E com as mãos juntas:

— Oh, Belleza! Belleza! a quanto obrigas!...

Os persevejos

Rapazola ainda, o sr. Affonso Vizeu, uma das mais altas figuras do commercio do Rio de Janeiro, costumava percorrer o interior de Minas, de São Paulo, do Espirito Santo, e de outros Estados, por conta da casa de que era empregado. Certo dia, chegou elle em uma cidadesinha do Triangulo mineiro, e hospedou-se no unico hotel do lugar.

Ao fim de dois dias, pediu a conta. O hoteleiro deu-lha. Era de vinte e dois mil réis, com os extraordinarios.

— Mas o senhor cobra cinco mil réis por um quarto?

— estranhou, reclamando. — Cinco mil réis, e ainda com persevejos?

— Ah! tinha persevejo? — fez o homem do hotel. — Então, tenho que aumentar dois mil réis!

E explicou:

— Quarto com persevejo é mais caro, porque o hospede accorda mais cedo e dorme mais tarde, aproveitando o café da madrugada e da noite.

E aggravou a conta, com dois mil réis.

Agua no joelho

O saudoso dr. Leonidio Ribeiro, pae do jovem medico do mesmo nome, era, como se sabe, especialista no tratamento da hydrocelle, cuja cura promettia em grandes annuncios nos jornaes. Em dias do mez passado, dançava o dr. Leonidio Ribeiro Filho com uma linda creaturinha, quando esta, confundindo o pae com o filho, indagou:

— Eu lia sempre o nome do senhor nos jornaes. Por signal que, outro dia, lendo um annuncio dizendo que o senhor curava hydrocelle, eu perguntei ao papae que molestia era essa, e elle me disse que não sabia, não.

E com os olhos no rosto do par:

— Que molestia é?

Vermelho, confuso, o dr. Leonidio titubeou, mas esclareceu:

— A senhorita não sabe grego, não? Pois, se soubesse, atinaria logo: «hydro», quer dizer agua; e «celle», joelho: «agua no joelho»!

— Ah! — fez a creaturinha, os olhos muito vivos. — é isso, então, que meu primo tem; elle é jogador de «foot-ball» e está com o joelho inchado assim. Com certeza é essa molestia.

E recomeçando a dançar:

— Eu vou mandal-o com o senhor; está ouvindo?

Que terá havido em casa, na familia?



Uma quadra de Jayme Costa

Não sei porque me sinto mais feliz
Encarnando o meu typo de galã
Quando, antes de surgir á luz do palco,
Ponho no rosto o pó de arroz TRIAN

A fórmula do Trian pertenceu a Cléo de Mero-des, a artista que dominou Paris, pela sua rara belleza. Encontra-se á venda nas casas Schmidt, Cirio, Bazin, Ramos Sobrinho, A Noiva, Perfumaria Avenida, outras perfumarias elegantes e pharmacia Solimões.

EXIR DE
SROGUEIRA

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue — Para syphilis e suas
terríveis enfermidades.

USAE! USAE! USAE!



— Só uma cousa me admira neste mundo: é que o Wallace Reid fosse tão chic, tão elegante, tão admirado pelas mulheres, sem comprar as suas roupas

NA

"Capital"

bera você cercar, no futuro, com a sua ternura, a creatura frágil que será sua companheira?

— Eu saberei amar-te, meu amor, toda a minha vida!

— respondeu o rapaz tomando-a nos braços.

No dia seguinte, a guerra estalou. Violando os tratados, a Alemanha invadiu a Belgica, e Loovil fez todo o seu dever na defeza da patria. Batido, enfim, o inimigo, o official tornou aos braços da mulher adorada. Orgulhosa do seu heroe, por um bello dia de primavera, os dois esposos, escutando os trilos enamorados que desciam em cascatas da prisão dourada suspensa na varanda florida, pensaram com saudade no humilde hotelsinho provinciano, onde haviam feito a substituição do canario, fonte de toda aquella ventura presente. Resolveram ir em peregrinação áquelle recanto pittoresco, e recompensar com uma boa gorgeta o prejuizo da hoteleira.

No terreno revolvido pelos obuzes, não se via nem traço das campinas de outr'ora. O hotelsinho, desmantelado, apresentava ao sol as cicatrizes das balas, remendadas de fresco por um pedreiro improvisado. Mas, perto da porta, na sua gaiola de talas, a ave de plumagem alaranjada saltitava alegremente.

Penetrando na sala de taboas demolidas, onde, como outr'ora, a hoteleira lhes serviu duas limonadas, Jeph de Loovil interpellou:

— E o seu canario, minha velha? Os «boches», pelo que vejo, não o mataram. Mas, tambem, a senhora devia se ter arrependido de não ter feito negocio connosco.

A hoteleira olhou-os, com piedade:

— Assim como meu irmão Vambrek não lamenta a perna que perdeu em Liège, eu não me lastimo de nada. Asseguro-lhes mais que, mais do que nunca, não lhes daria este bichinho, mesmo por um imperio. Elle tem um coração, minha senhora, como não o tem muita gente!

— Como, assim? — indagaram os dois, espantados.

E a hoteleira, limpando os olhos:

— Os senhores acreditam, meu bom senhor, e minha boa senhora, que, desde que os allemães invadiram o nosso solo, mataram os nossos homens, incendiaram as nossas casas, este bichinho não cantou mais uma só vez?!...

Daniel Riche

JAGINOL
TOILETTE INTIMA
REVIGORA OS TECIDOS

CATTAMINAL
COLICAS - ATRAZOS - CORRIDENTOS

GENIL
INDIFFERENTISMO
SEXUAL FEMININO

SÃO O MEU SEGREDO!

HOMOEOPATHIA **ARY COELHO BARBOSA**
- R. S. JOSÉ, 5 - RIO

*O illustre Dr. Mario Graccho assim se
exprime sobre o*

ELIXIR "914"

Attesto, com a maxima satisfacção, que venho empregando com
beneficos resultados o preparado ELIXIR "914", nos casos de mani-
festações da pelle e mesmo nas manifestações de origem syphilitica.

Esse preparado substitue perfeitamente os similares estrangeiros.

S. Paulo, 19 Janeiro 1923

(Ass.) *Dr. Mario Graccho*
(firma reconhecida)

ENCONTRA-SE EM TODA A PARTE

Equipamento moderno de escriptorio

Do melhor o melhor

a machina de escrever L. C. Smith & Bros n.º 8



A construcção, toda, "a espheras" na
SMITH & BROS, não é nenhuma inno-
vação — 20 annos de experiencia têm de-
monstrado a excellencia deste systema —
Ausencia de attricto — maior durabilidade.

TABULADOR DECIMAL

sem augmento do preço.

Funcionamento quasi inteiramente silencioso. Modelos no. 8 e modelos no. 5

Agente geral: **John Roger**, rua da Quitanda 156 e 158

Mimeographos, 'Edison-Dick' — Os afamados Cofres "Minerva" etc. etc.

Visitem minha exposiçào.

E' voz da fama
Que se derrama
Descommunal,
Que o homem de gosto
Só vae á cama
Tendo um pyjama
Da...

A Capital



Comprem todos os mezes

O MUNDO LITERARIO

**Magnifica e victoriosa revista do movimento
cultural no Brasil**

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secrefario: AGRIPPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros.
Só publica ineditos. Traz a resenha do movimento
literario nos paizes europeus e nos estados da União.
Cada exemplar de 130 paginas: 2\$000, e 2\$500 no
interior.

EDITORA

A Grande Livraria LEITE RIBEIRO

A fallibilidade dos prophetas

Foi vendida ha poucas semanas em Paris a proprie-
dade denominada «Petit Aunay», perto de Meun-sur-Loire,
e que foi montada pela famosa Mme. de Thebes. A ce-
lebre pythonisa explorou ahí, durante muitos annos, e até
á morte, a avicultura e a pequena agricultura, cujos pro-
ductos mandava ao mercado de Paris.

Uma cousa, no meio de tudo que havia no «Petit
Aunay», espantou os candidatos á compra: a quantidade do
almanacks meteorologicos e de publicações commerciaes, re-
lativas á mudança do tempo e ao preço dos artigos do
seu negocio.

Que Mme. de Thébés, a grande pythonisa, annunciando
embora com um anno de antecedencia a queda dos reis e
o destino dos imperios, não sabia, coitada! com uma se-
mana de avanço e sem o auxilio dessas informações, o
tempo que ia fazer nem o preço que teriam os ovos!...